

**T**RAJETÓRIAS  
**E** **P**ERSPECTIVAS

# SOBRE PERMANÊNCIAS E TRANSFORMAÇÕES EM CONTEXTOS ACADÊMICO-INSTITUCIONAIS: UM RELATO PESSOAL<sup>1</sup>

**Simone Lahud Guedes**

Eu... eu... nem eu mesmo sei, nesse momento...  
eu... enfim, sei quem eu era, quando me levantei hoje de manhã,  
mas acho que já me transformei várias vezes desde então.

*Lewis Carroll na boca de Alice*

*Esse texto é dedicado àqueles colegas (professores e funcionários) com quem venho partilhando minha vida acadêmica. É dedicado também aos alunos que deram e dão sentido a esta jornada, muitos deles hoje meus colegas.*

Foi muito gratificante escrever este memorial para o concurso de acesso à classe de professor titular. Mas foi também muito assustador. Revisitar tantos anos de vida acadêmica, encontrar o tom adequado para relatar minha trajetória, selecionar, não sucumbir à tentação de dar sentido ao que é, muitas vezes, caótico, casual e desordenado (BOURDIEU, 1996), reviver frustrações, não ceder à vaidade endêmica em nosso meio<sup>2</sup>, são alguns dos

---

<sup>1</sup> Versão reduzida do Memorial que apresentei, em agosto de 2015, à banca coordenada por Roberto Kant de Lima e composta por Lana Lage, Luís Roberto Cardoso de Oliveira, Antonio Carlos de Souza Lima e Maria Laura Cavalcanti. Agradeço à banca o carinho com que me avaliou e as precisas observações que muito me ajudaram. Agradeço também ao meu colega Fábio Reis Mota pela oportunidade de publicá-lo.

<sup>2</sup> Weber tem toda razão: “A vaidade é uma qualidade muito generalizada e talvez ninguém esteja completamente livre dela. Nos círculos acadêmicos e eruditos, a vaidade é uma espécie de moléstia ocupacional, mas precisamente com o intelectual, ela – por mais desagradável que possa ser a sua

perigos à espreita. Não sei se consegui evitar todas estas armadilhas. Mas tentei.

## Sobre o texto

Procurei aqui registrar alguns dos momentos mais significativos do meu percurso acadêmico e, principalmente, do meu percurso dentro da UFF, empreitada que me deu muito prazer<sup>3</sup>. Na verdade, quase toda a minha vida profissional se construiu na Universidade Federal Fluminense. Desse modo, este texto traz, também, um pouco de diversos momentos da antropologia na UFF tal como eu os vivi. Falo de alguns acasos, muitas surpresas e desafios.

Ingressei na UFF em 1968, como aluna do curso de Ciências Sociais, ainda nos seus primórdios<sup>4</sup>. Bacharelei-me em 1971 e licencieme em 1973, quando já cursava o Mestrado em Antropologia no Museu Nacional. Retornei em 1977 como professora.

Procuro apontar aqui, da minha perspectiva, o crescimento institucional da antropologia na UFF. O texto tem uma certa ordenação cronológica, abandonada em seguida quando recupero o que considero os dois eixos principais nos quais vem se posicionando meu trabalho em todos estes anos: os estudos sobre futebol e os estudos sobre trabalhadores urbanos. Entretanto, adentrei muitos outros caminhos seguindo estas duas sendas, caminhos que me exigiram investimentos distintos, por exemplo, em antropologia da saúde/doença; na antropologia das categorias etárias, em particular, do envelhecimento; nos estudos de gênero e sexualidade; nos estudos sobre mídia e construção social da realidade, entre outros. O tema das representações

---

*manifestação – é relativamente inócua, no sentido de que, geralmente, não perturba o empreendimento. O caso é totalmente diferente com o político...*” (WEBER, 1974, p. 141).]

<sup>3</sup> Tive esta mesma sensação agradável, ao contrário de muitos de meus colegas, quando o CNPq criou o Currículo Lattes, ainda off-line, pesado, difícil. Mas, pela primeira vez, dispúnhamos de um instrumento em que nossas realizações acadêmicas se acumulavam, não era preciso eliminar alguma coisa para inserir um dado novo, tal como funcionavam os currículos do CNPq anteriormente. Guardo, ainda, cópias destes currículos anteriores nos quais só interessavam as últimas 15 produções. Era sempre muito doloroso escolher o que descartar.

<sup>4</sup> O curso de Ciências Sociais foi criado em 1965. Logo, minha turma foi a quarta a ingressar.

acerca da violência e da relação entre *trabalhadores e bandidos* aparece com força nos estudos com trabalhadores urbanos, impondo-se mesmo aos pesquisadores. E tanto o futebol quanto o estudo dos trabalhadores urbanos mostraram a importância de contribuir para o tema da educação, ampliação de um investimento que faço há algum tempo, refletindo sobre os saberes dos trabalhadores e sua concepção dos outros saberes (cf., por ex., GUEDES & CIPINIUK, 2014a). Espero não dar a impressão de estar costurando fragmentos. Sei que esta opção é, também, uma opção de textualização mais confortável que permite abrigar alguns dos principais temas que investiguei. Mas andei por muitos caminhos, em especial com meus orientandos. Li e aprendi coisas que jamais pensei em estudar. E, de certa forma, todos eles impactaram meu trabalho.

Apresentei a minha contribuição para os temas centrais, procurando explicitar de que modo reverberaram nas minhas atividades de ensino e pesquisa. Apresento uma breve análise crítica do estado da arte, situando-me nestes campos. Registro atividades de extensão, algumas delas inesperadas, e sua possível apropriação por alguns setores sociais. Na verdade, alguns dos temas que me foram solicitados estão diretamente conectados às atividades de extensão. Minha relação com a extensão é bissexta. Entretanto, considero que boa parte do trabalho dos antropólogos, respeitando os princípios éticos da disciplina, pode ser apropriado por diferentes segmentos da sociedade, assim como interpretado de modos diferentes. Como diz Howard Becker (1977), após sua publicação, não temos qualquer controle sobre o nosso trabalho. Portanto, cabe ao nosso discernimento delimitar o que podemos disponibilizar e quando<sup>5</sup>.

Não tenho dúvidas de que, como já aprendemos há longo tempo com alguns autores, entre eles Bourdieu (1996), esta é uma visão retrospectiva, marcada pelo lugar em que estou agora. Reconheço que a minha rememoração é seletiva, plena de lembranças e esquecimentos (HALBAWCHS, 2008),

---

<sup>5</sup> No texto original, exponho minha carreira institucional ao final. Considerei que era de pouco interesse para esta publicação e eliminei esta parte.

com lacunas reveladoras. Sei que não exponho fatos, exponho uma perspectiva.

De certa maneira, tentei aplicar aqui à minha própria memória pelo menos parte do que aprendi sobre isto para lidar com as narrativas de vida das pessoas que pesquisei. Quando comecei a pensar prazerosamente em escrever este memorial, entendi muito melhor as muitas entrevistas e conversas informais que tive com pessoas mais velhas, situações que podiam chegar a cinco horas seguidas, com evidente prazer do entrevistado e, muitas vezes, emoção. A oportunidade de ter um ouvinte atento para repensar suas experiências, olhar para trás e reconstruir a narrativa de si foi registrada por vários pesquisadores. Escrever um memorial que será lido, ao menos pela banca, pressupõe alguns leitores atentos.

Espero, também, conseguir trazer à tona um pouco do que considero como “fatos marcantes” da minha trajetória acadêmica, associando eventos institucionais importantes e uma leitura do meu *curriculum vitae*, que está exposto e divulgado na página do CNPq, a alguns fracassos e frustrações que compõem o meu secreto *curriculum mortis* (KONDER, 1984)<sup>6</sup>, experiências tão marcantes quanto os sucessos.

## De onde vim

Venho de uma cidade do interior do Espírito Santo chamada São José do Calçado. Quando conheci a noção de *lugar antropológico*<sup>7</sup> (Marc Augé, 1994), visualizei esta pequena cidade, oposta aos *não lugares* das grandes cidades e metrópoles. Ali sou, simultaneamente, a que habita e a que observa.

<sup>6</sup> O texto famoso do prof. Leandro Konder, com certeza, tem um objetivo claramente político, referindo-se mais diretamente à autocrítica de posições políticas no campo do marxismo. Mas, para mim, juntamente com o texto de Bourdieu (1986), foi muito importante para pensar minha própria trajetória.

<sup>7</sup> Reservamos o termo “*lugar antropológico*” àquela construção concreta e simbólica do espaço que não poderia dar conta, somente por ela, das vicissitudes e contradições da vida social, mas à qual se referem todos aqueles a quem ela designa um lugar, por mais humilde e modesto que seja. [...] o lugar antropológico, é simultaneamente, princípio de sentido para aqueles que o habitam e princípio de inteligibilidade para quem o observa (AUGÉ, 1994, p. 51).

Minha socialização primária (BERGER e LUCKMANN, 1973) ocorreu ali, pois lá vivi até os 15 anos de idade.

Tanto minha família paterna quanto materna eram de imigrantes libaneses. No caso paterno, comerciantes. Sou a sétima e última filha, o que me propiciou alguns privilégios, como me referirei adiante.

Estudei no ensino público no primário – Grupo Escolar Manoel Franco – e no ginásio – Colégio de Calçado. Na época, nem havia escolas particulares na cidade. Sob tal ponto de vista, era uma experiência enriquecedora, principalmente no primário, pois por lá passavam ricos, pobres e remediados que conviviam nas salas de aula.

Lembrava-me sempre da minha cidade natal quando lia os chamados “estudos de comunidade” nos cursos oferecidos pelo professor Castro Faria. Saí de lá em 1965.

## De acasos e surpresas

Meu irmão e eu, os dois filhos mais novos da minha família, tínhamos um claro projeto de *fazer faculdade*. Como em muitas famílias, apenas aos filhos mais novos foi dada a oportunidade de realizar um curso universitário: uma de nossas irmãs, imediatamente mais velha do que nós, foi a primeira a obter um título deste nível, formando-se em Pedagogia. Contudo, isto representou um custo muito grande para a família, pois ficou quatro anos interna na Universidade Santa Úrsula, no Rio de Janeiro. Minha mãe, viúva já há muitos anos, decidiu que, desta vez, sairíamos todos. Viemos então para Niterói em 1965.

Aqui, cursei o então chamado Curso Normal (hoje Pedagógico), considerado ideal para mulheres. Cursei o primeiro ano no Colégio São Vicente de Paula, em Icaraí, onde me senti uma *outsider*<sup>8</sup>, e os dois seguintes no Ins-

<sup>8</sup> A maioria das alunas da minha turma compunha-se de estudantes do colégio desde o primário ou o ginásio. Além disso, eram provenientes de famílias bem situadas social e economicamente em Niterói, fechando-se para pessoas evidentemente de outro estrato social. Juntei-me com outras *outsiders* e assim levamos aquele ano. Meu bom desempenho escolar também as incomodava, penso eu. Descobri que eu tinha tido uma ótima formação na minha pequena cidade.

tituto de Educação Ismael Coutinho, uma escola pública mais semelhante à que eu conhecia. Nesta escola tive contato, pela primeira vez, com a sociologia como disciplina. Foi uma disciplina agradável, como outras, mas não me despertou qualquer entusiasmo especial.

Quando estava terminando o curso normal, projetava estudar para o vestibular apenas no ano seguinte, até porque não me decidira por nenhum curso. Todavia, em setembro de 1967, uma amiga me estimulou a frequentar um *cursinho*, muito barato, oferecido por pessoas ligadas à Universidade Federal Fluminense. Um pouco me deixando levar pelos comentários dos colegas sobre o assunto, resolvi inscrever-me para o vestibular.

Então, deparei-me com a minha indecisão. Na época, não era possível, como hoje, mudar depois. A escolha deveria ser clara, irreversível. Optava-se pelo curso e pela universidade. Mas eu queria coisas demais. Excetuando um período da minha vida em que, não consigo imaginar por que razão, eu quis ser arquiteta e outro em que pensei em ser bióloga, a única coisa de que tinha certeza, nesse momento, é que não queria algo da área biomédica ou tecnológica. Tudo o mais me agradava: história, geografia, literatura, português, francês, sociologia, psicologia... Pensei até em matemática ou estatística. A universidade disponibilizava, como faz até hoje, um pequeno folheto com as características básicas de cada curso. Afinal, depois de rodar dias e dias com o livreto, ainda indecisa, percebi que o curso de ciências sociais era bastante variado e oferecia algumas das disciplinas que me interessavam.

Cheguei lá por pura indecisão. E fui bem classificada no vestibular por pura sorte<sup>9</sup>. Comecei o curso em 1968 sem saber muito bem no que ia dar, mas emocionada por entrar na universidade. Surpreendi-me.

---

<sup>9</sup> O vestibular ocorria em duas etapas por área de conhecimento. A primeira, com uma série de provas de múltipla escolha. A segunda era a mais difícil, mas bastava tirar diferente de zero. Era uma prova qualitativa, com indicação de 10 livros, dos quais nove eu nunca ouvira falar. Uma semana era o prazo. Passei na biblioteca pública e só havia um deles, o de Guerreiro Ramos. Desanimada, dei uma olhada em um capítulo sobre formas de poder no Brasil. Bom, a maior parte da prova era sobre isso. Tirei uma nota alta por puro acaso. Muitos dos meus colegas não acreditaram que eu não sabia nada.

## De encantamentos e descobertas: o curso de Ciências Sociais e o Mestrado em Antropologia

Surpreendi-me em especial com a Antropologia. Ali, no curso de Ciências Sociais, delineou-se o ponto de partida do meu percurso acadêmico.

Eu não tinha, até então, a menor ideia do que tratava esta disciplina. Ouvira algumas vezes sobre alguns autores (Darcy Ribeiro, principalmente) e tivera informações vagas que me interessaram pouco. E creio também que esta era a situação de boa parte dos 40 aprovados que compareceram à primeira aula, por acaso de Antropologia, num dia de março de 1968.<sup>10</sup> Sala cheia, adentra um rapaz pouco mais velho do que a maioria dos alunos<sup>11</sup>, muito sério, se apresenta como professor. Começa a aula dizendo que éramos muito ignorantes e que deveríamos nos empregar muito para conseguir aprovação. Anuncia que um requisito essencial para compreender a Antropologia era ter domínio sobre duas línguas mortas: latim e sânscrito. Escreve no quadro uma bibliografia básica, supostamente, nestas línguas. E começa a dar uma aula sobre diferenças raciais e a superioridade dos brancos... Nós nos olhávamos em desespero. Eu me lembro exatamente o que pensei: vou embora e não volto nunca mais, quase chorando. A fisionomia de muitos dos meus colegas não era muito diferente. O “professor” era Edson Nunes, formando da primeira turma<sup>12</sup>, ingressada em 1965, poucos anos depois da criação da universidade. Alguns minutos depois

<sup>10</sup> Já me referi a este episódio em Guedes (2006). Mas ele é, realmente, muito importante para mim, pois marca o meu primeiro encontro com a Antropologia, sugerindo-me a ideia de que eu teria que decifrá-la.

<sup>11</sup> Havia, na turma, de 10 a 15 alunos mais velhos, a maioria era bem jovem, com 18 ou 19 anos. Aliás, a atração de alunos mais velhos é uma característica, até hoje, do curso de Ciências Sociais. Muitos já têm uma graduação e vêm em busca de novos conhecimentos, procurando, geralmente, instrumentais para compreender a sociedade. Tenho a impressão – que teria que ser seriamente investigada – de que a evasão neste curso se deve, parcialmente, a estes alunos que não pretendem obter novo título e, muitas vezes, se contentam com as disciplinas iniciais. De certo modo, esta é uma falsa evasão: vieram com este propósito. Lembro-me de dois advogados na minha turma que frequentaram 2 anos mais ou menos.

<sup>12</sup> Lembro-me também de Argelina Cheibub, Charles Pessanha e Elina Pessanha, todos muito bem situados hoje no campo das ciências sociais.



de percebermos o trote<sup>13</sup>, adentra a sala de aula o verdadeiro professor de Antropologia: Castro Faria, com seu cachimbo, sua sapiência e sua impaciência. Quando ele começa a falar do que tratava a disciplina e de tudo que precisávamos aprender, com aquela “simpatia” que gostava de exibir, quase acreditamos que o trote continuava. Muitos dos meus colegas não superaram este primeiro impacto e tremiam com a sua presença. Eu, depois de algum tempo, aprendi a gostar dele e construímos uma relação que foi extremamente importante para mim. Pouco tempo depois, conhecemos o professor Wagner Neves Rocha, igualmente decisivo para muitos de nós, fazendo um contraponto interessante ao professor Castro Faria. Com estes dois professores, cada um fascinante a seu modo, alguns dos meus colegas de turma<sup>14</sup> e eu fomos gostando, cada vez mais, da Antropologia.<sup>15</sup> Fomos descobrindo inimaginados mundos novos a cada aula, a cada texto. Aprendendo um olhar novo, inclusive sobre o nosso próprio contexto social, numa disciplina desafiante porque não oferecia respostas prontas.

Não é irrelevante que a Antropologia tenha sido escolhida para o nosso ritual de entrada. Na ocasião, era bastante desconhecida de um público mais amplo e quase sempre pensada como antropologia biológica ou ligada aos estudos sobre indígenas. Nada parecido com o sucesso atual da antropologia no Brasil, não apenas no campo acadêmico, com várias outras disciplinas dialogando com suas teorias e métodos, mas principalmente tendo uma difusão enorme na mídia. Há personagens antropólogos em filmes e novelas. E somos procurados para comentar quase tudo. Isso porque, para a mídia brasileira, os antropólogos foram transformados em especialistas de qualquer

<sup>13</sup> Neste ano de 1968, o curso funcionava no terceiro andar da reitoria. Nossa sala, bem grande, se abria para um terraço enorme, sobre a frente do prédio. Custamos a reparar que as janelas e a porta estavam repletas dos alunos das turmas anteriores, rindo muito.

<sup>14</sup> Laurita Santos, Almir Abreu, Ana Wagner, Margarida e Leila (das quais, infelizmente, não lembro o sobrenome).

<sup>15</sup> Ao que eu saiba, o Departamento de Ciências Sociais era ainda pequeno nestes primeiros anos do curso, e a área de antropologia menor ainda: Luís de Castro Faria, Wagner Neves Rocha, Lúcia Câmara (com quem fizemos ótimos cursos sobre Cultura e Personalidade) e Maria Maia de Oliveira Beriel; esta, geralmente, dedicada à administração, não foi nossa professora.

coisa e, na maioria das vezes, somos entrevistados para confirmar teses nas quais o entrevistador acredita e das quais pouco sabemos.

No primeiro ano da minha turma no curso, convivemos com o agravamento da repressão militar que culminaria com o AI-5, em 13 de dezembro de 1968. Vivíamos cotidianamente o terror na sala de aula, com alguns colegas, da nossa turma ou das outras, desaparecendo de um dia para o outro, sem que tivéssemos qualquer notícia. Além disso, nosso professor de sociologia era militar e nos ensinava uma sociologia impressionantemente insípida. Falávamos baixo sobre a situação política e apenas com algumas pessoas que conhecíamos bem, pois o clima predominante era de suspeição generalizada, já que tínhamos notícia de que o regime militar infiltrara agentes nas salas de aula para denunciar os “comunistas”. Algumas pessoas, corretamente ou não, foram alvo de suspeitas que as isolavam. Esse clima se estendia a muitos outros espaços sociais.<sup>16</sup>

Um problema persistente era a dificuldade da bibliografia. Não havia xerox, não havia livros suficientes na biblioteca, quase não havia livros em português e, além do mais, poucos de nós podiam comprar os livros. Não tínhamos qualquer tipo de bolsa<sup>17</sup>. Usávamos então várias estratégias, operadas no interior dos grupos que se formavam. Uma delas era dividir a bibliografia, sorteando um livro para cada um comprar e circulando-o no grupo. Comprávamos livros em francês ou inglês na Livraria Leonardo Da Vinci, pagando em muitas prestações. Outra forma era, com auxílio dos professores que emprestavam os livros, traduzir nós mesmos textos do inglês ou do francês, datilografá-los em estêncil a álcool, rodar e distribuir pela turma. Usávamos este método também com as anotações das aulas. O datilógrafo era Almir Abreu dos Santos, posteriormente professor do nosso Departamento.

<sup>16</sup> Por exemplo, nos cursos chamados de “artigo 99”, preparação para as provas do supletivo. Trabalhei em dois destes cursos. Nos dois, fui chamada pelo diretor, mais de uma vez, para ser repreendida por ter falado isso ou aquilo, coisas, realmente, irrelevantes, nada revolucionário, apenas sociologia. Depois de pouco tempo, desisti.

<sup>17</sup> Apenas por volta de 1970, surgiu uma única vaga de monitoria para a antropologia. O grupo ligado ao Wagner Rocha reuniu-se e indicou Almir Abreu dos Santos para a bolsa.

mento de Antropologia.<sup>18</sup> Circulavam também, mimeografadas, traduções feitas em outras universidades como, por exemplo, uma tradução de “Algumas formas primitivas de classificação” (DURKHEIM e MAUSS, 1901), de autoria de Maria Isaura de Queiroz. Até hoje, a meu ver, a melhor.

Nossa turma foi a primeira do curso a adaptar-se à LDB de 1968, que reorganizou e unificou a organização universitária. Até então, cada curso reunia, na coordenação, os professores de todas as matérias lecionadas. Com esta nova legislação, foram criados os departamentos, separando-os das coordenações. Entre outras mudanças, foram criados o sistema de créditos e a organização semestral, ao invés de anual, dos cursos universitários. Apesar de muitas mudanças posteriores, vários aspectos dessa legislação ainda vigoram.

No início – e até a década de 1990 – foi criado o Departamento de Ciências Sociais com as áreas de antropologia, ciência política e sociologia. A área de antropologia tinha apenas quatro professores: os já citados Castro Faria e Wagner Rocha, Maria Berriel e Lúcia Câmara<sup>19</sup>.

No primeiro ano, estando o curso localizado na reitoria, tudo foi muito intenso. Convivíamos, não apenas nas salas de aula, mas nos bares, restaurantes e cinemas do entorno. Neste ano, inclusive, o Cine Arte UFF foi criado, sob a batuta de Nelson Pereira dos Santos, casado com uma de nossas colegas, Laurita Andrade Santana dos Santos, posteriormente também professora do Departamento de Antropologia. Nas sessões do cinema da UFF, conheci muitos cineastas dos quais jamais ouvira falar. E aprendi que era possível estudar antropologia em outros contextos.

Em 1969, mudamos, juntamente com os outros cursos do então ICHF, para o prédio da rua Lara Villela, no qual se encontra hoje parte do IACS. A

<sup>18</sup> Quando retornei à universidade, em 1977, esse método tinha evoluído e sido assumido pela administração: encontrei os Cadernos, rodados em estêncil eletrônico e com mais de cinquenta exemplares na biblioteca. Havia os de antropologia, sociologia, política, cada um com três ou mais volumes, agregando todos aqueles textos que foram traduzidos dentro da UFF ou em outras universidades. Lamento que a biblioteca não tenha guardado ao menos um exemplar de cada um pois são testemunhos da história de nosso curso e dos esforços que professores, alunos e funcionários faziam para oferecer mínimas condições.

<sup>19</sup> Hoje temos cerca de 25 professores.

partir de então, já estavam delineados, para os remanescentes da evasão que ocorre no primeiro ano, as preferências disciplinares dos alunos: havia os “sociólogos”, os “cientistas políticos” e os “antropólogos”.

Nós brincávamos que éramos a “Escola Antropológica de Niterói”. Esta divisão se cristalizava na escolha das disciplinas optativas. Aprendi rapidamente os preconceitos, ainda hoje existentes, sob formas mais brandas, de muitos de nossos colegas em relação à antropologia. Aprendi também a lidar com isso.

Fui, seguidamente, evolucionista, difusionista, culturalista boasiana, funcionalista, estrutural-funcionalista e durkheimiana fervorosa. Depois, pelas mãos de Wagner Rocha, descobri Marcel Mauss. E foi uma iluminação. Numa ocasião, quando Wagner comprou toda a coleção do *L'Année Sociologique*, fomos todos em procissão à casa dele para admirar e colocar a mão naquela preciosidade. Mas ainda tínhamos pela frente o estruturalismo lévi-straussiano e mais descobertas e adesões. Em seguida, Leach, Victor Turner, Mary Douglas, Sahlins, Geertz e parecia não ter fim...

Nunca me preocupei muito com os rótulos, mas foi extremamente bem-vinda a definição do professor Roberto Cardoso de Oliveira da antropologia como uma disciplina poliparadigmática (1998). Fornece uma excelente explicação para o que fazemos na prática.

Finalmente, quero registrar que foi a nossa turma que ajudou a professora Maria Maia de Oliveira Berriel, então diretora do instituto, a providenciar os documentos necessários para o processo de reconhecimento do curso, por volta de 1970, quando já havia vários concluintes sem diploma. Devemos isto a ela. Foi a nossa turma também que, como nos disse Castro Faria, fez a “estupidez” de separar o bacharelado e a licenciatura. Dizia ele naquele seu modo enfático: *vocês estão deixando de receber dois diplomas com quase a mesma carga horária!* Mas muitos não queriam fazer licenciatura, pois já vivavam os mestrados, alguns recém-criados. Aliás, como até hoje.

Em 1972, ingressei no curso de mestrado do Museu Nacional, na UFRJ. Tive condições muito boas para realizar o curso, pois obtive uma bolsa da Capes e licença integral do meu emprego como professora do estado do Rio

de Janeiro. Entretanto, as dificuldades com bibliografia para as disciplinas eram equivalentes às que tivéramos na graduação. Já existiam xerox, mas eram caríssimas para nós. A biblioteca disponibilizava uma cópia xerox para todos os alunos da turma. Então, agrupávamo-nos por local de moradia e circulávamos aquela única cópia pelos grupos residenciais, que podiam ficar com ela dois ou três dias, conforme o número de alunos daquela disciplina. Um pouco mais tarde, a difusão e o barateamento das cópias tornaram tudo bem mais fácil.

Em tese, o curso deveria durar quatro anos, mas quase ninguém fazia neste tempo. A Capes apenas começara a controlar os cursos *stricto sensu*. Terminei em 1977, sendo cinco anos um prazo até razoável naquela época.

Fiz ótimas disciplinas, algumas das quais me lembro até hoje. Fiz disciplinas com Neuma Aguiar, Alcida Ramos, Roberto DaMatta, Lygia Sigaud, Gilberto Velho<sup>20</sup> e, claro, com Castro Faria. Com Castro, meu orientador, aprendi lições inesquecíveis. Aprendi a procurar bibliografia, a fazer relatórios convincentes, a desconfiar das primeiras impressões, a fazer descrições mais precisas, entre outras.

Todavia, o que marcou mesmo a minha trajetória posterior foi minha dissertação de mestrado sobre o futebol brasileiro. Na verdade, só percebi este impacto alguns anos mais tarde, mais especificamente quando participei da coletânea organizada por Roberto DaMatta denominada *Universo do Futebol* (DAMATTA, 1982), livro que é um marco no Brasil e na América Latina dos estudos antropológicos sobre futebol.

Deve-se destacar que o Museu Nacional, naquele momento político e enfrentando críticas explícitas de cientistas sociais de outras áreas, abrigava temas considerados “alienados”.<sup>21</sup> Apenas aqueles antropólogos que estudavam camponeses ou movimentos sociais, por exemplo, eram poupados das

<sup>20</sup> O trabalho que fiz para um curso de Gilberto Velho sobre comportamento desviante foi o primeiro artigo que publiquei “Umbanda e Loucura” (VELHO, 1977).

<sup>21</sup> O Museu Nacional era jocosamente referido como *O Jardim dos Finzi Contini*, filme de Vittorio de Sica recém-lançado que falava de uma família de judeus que, durante a segunda guerra, vivia como se nada estivesse acontecendo. Disponível em: <<http://50anosdefilmes.com.br/2011/o-jardim-dos-finzi-contini-il-giardino-dei-finzi-contini/>>. Acesso em: 5 jun. 15.

críticas. Castro Faria era meu orientador e, diga-se de passagem, detestava futebol, mas compreendeu imediatamente a importância do tema e também me abrigou, me estimulou, me apoiou. Outras pessoas próximas a mim, que trabalhavam em outros temas “mais sérios” e nada entendiam de futebol, como a minha amiga Delma Pessanha Neves, apoiaram e respeitaram a minha escolha. Com o professor Roberto DaMatta, nos períodos em que estive no programa, não apenas fiz curso, mas conversei muito com ele sobre o tema, que era um dos seus interesses. Sua imaginação prodigiosa e seu enorme conhecimento da antropologia foram, sempre, um grande estímulo para mim.

Eu havia começado a pensar na riqueza do tema quando Wagner Rocha, fazendo um exercício em sala de aula sobre a oposição sagrado/profano, na época em que líamos Durkheim (1968), mostrou como poderia ser assim interpretado um campo de futebol, com seus espaços sagrados e profanos, com seus sacerdotes e profanações. Mais tarde, quando me candidatei ao mestrado, o tema foi novamente sugerido<sup>22</sup>. O sistema de entrada, então, era bastante original: pegávamos uma listagem de temas e tínhamos uma semana para realizar uma pequena etnografia sobre um deles, escrevendo-o, como uma prova, na semana seguinte, apenas com apoio de notas. Havia um sobre futebol, que escolhi.

Como tema da dissertação, meu móvel mais imediato foi a conquista do tricampeonato mundial pela seleção brasileira de futebol, em 1970, e os acontecimentos que se seguiram: a festa impressionante de recepção aos jogadores, a apropriação pelo presidente Médici desta vitória, sugerindo ser uma vitória do regime, as críticas da esquerda ao futebol como alienante... Desejava investigar, principalmente, a metonímia entre seleção brasileira e *povo brasileiro*, através de representações coletivas que saltavam aos olhos nos comentários jornalísticos e nas conversas informais com conhecidos.

A fortuna desta dissertação, objeto dos elogios e das críticas usuais da banca, apenas mais uma quando foi defendida<sup>23</sup>, surpreendeu-me muito

<sup>22</sup> Mais tarde compreendi o porquê: o professor DaMatta estava na banca.

<sup>23</sup> A banca era composta pelo orientador, Francisca Keller e Gilberto Velho. Não se usava colocar suplentes, o que, para minha vida profissional, foi desastroso, como apontarei adiante.

posteriormente. Falarei disso adiante. Meu projeto previa duas partes. Na primeira, pensei num ciclo perfeito da derrota de 1950 ao tricampeonato de 1970. Para isso, recolhi em 3 jornais, na Biblioteca Nacional, as notícias sobre estes dois campeonatos, durante 3 meses (um antes e um depois da Copa), objetivando compreender o que chamei de “ideologia da derrota e ideologia da vitória”. Numa segunda parte, realizei minha primeira grande etnografia, durante mais de um ano, com operários da fábrica têxtil Bangu, que ainda existia com algum vigor. Em parte, desejava testar com operários a crítica de alguns setores da esquerda acerca do poder alienante do futebol. Em parte, queria responder a estes mesmos, mostrando que temas “fúteis” poderiam ser fundamentais para explicar o que eles não conseguiam explicar. Na verdade, a dissertação não foi muito útil para o segundo propósito, pois, evidentemente, quase ninguém leu na ocasião e, muitos anos depois, todos que trabalhamos com este tema ainda recebemos alguns olhares de desprezo.

Correndo o risco de estar atribuindo coerência onde ela não existe, penso que, sem saber, coloquei ali os dois pontos de partida de uma jornada que, com muitos desvios e descaminhos, venho seguindo desde então. Muito importante nisso é a forma como as outras pessoas interpretam o nosso trabalho, como comentarei adiante. A leitura feita do seu texto resulta numa certa apropriação de suas possibilidades profissionais e, como oportunidades não se desprezam, certos rótulos vão aderindo a sua vida profissional, abrindo certos caminhos e fechando outros. De qualquer modo, nesta dissertação, que recebeu, entre outras, a crítica da banca de não conectar as suas duas partes, foram definidos os dois eixos que, reinterpretados e desdobrados por mim ou por outros, constituíram-se nos temas de toda a minha produção até os dias de hoje. De um lado, o estudo do futebol e dos esportes. De outro, o estudo de trabalhadores, em especial, operários. Mas com desdobramentos absolutamente inesperados.

## **Do ensino, da pesquisa e de uma extensão inesperada**

Em março de 1977, ainda sem concluir o mestrado, fui avisada de que a UFF estava contratando *colaboradores*, que eram os *boias-frias* de então. Fiz a

seleção e fui aprovada. Recebíamos exclusivamente por hora-aula e, desse modo, às vezes acumulávamos quatro turmas. Foram contratados vários professores de antropologia nesta ocasião. O Departamento de Ciências Sociais havia crescido muito, mas, no ano anterior, muitos professores tinham sido demitidos – por razões políticas, ao que me consta. Na verdade, o departamento estava sob intervenção, sendo gerido por uma pessoa que nada sabia de ciências sociais: Maria Helena Mendes de Abreu. Perseguiu os professores e queria implementar um regime militar na instituição. Uma das exigências dela, por exemplo, era que os professores de 40 horas ficassem todo este tempo na universidade, marcando ponto e fazendo pesquisa ali mesmo! Foi mais um período difícil.

Como *colaboradora*, só dava aulas, e muitas! Apesar da situação muito difícil, foi um dos períodos em que mais aprendi. Trabalhava com turmas de história e ciências sociais, encontrando desafios muito interessantes, alunos que me estimulavam<sup>24</sup>. Neste ano, também, tive uma das maiores frustrações da minha vida. Foi aberto um concurso com cinco vagas para mestres em antropologia, com a inscrição fechando no dia 30 de agosto. Terminei o que faltava da minha dissertação e a defesa foi marcada para 29 de agosto. Na véspera, a professora Francisca Isabel Vieira Keller, membro da banca, passou mal e foi internada. Não havia suplentes, prática que o Museu Nacional instituiu depois deste acontecimento, a defesa foi adiada e eu perdi a oportunidade. Inscreveram-se dois candidatos e apenas um foi aprovado. Sobraram quatro vagas.

Durante este período como *colaboradora* trabalhei também em duas universidades particulares, em períodos não coincidentes: a Universidade Santa Úrsula, no Rio de Janeiro e a Faculdade Santa Dorotéia, em Friburgo. Ganhava da mesma forma, por hora-aula.

Em 1980, nova frustração. Em um concurso com 3 vagas e 6 candidatos, fiquei em quarto lugar. Poucos meses depois, os *colaboradores* foram efetivados. E, no mesmo ano, todos os aprovados neste concurso foram contratados. Fui, cada vez mais, centrando minhas atividades na UFF, embora

---

<sup>24</sup> Antonio Carlos Souza Lima foi aluno da primeira turma que lecionei como colaboradora. Exigia muito de mim.



não tivesse ainda dedicação exclusiva<sup>25</sup>. Dava aulas, fazia pesquisa e iniciei a orientação de monografias. Em 1980, orientei duas monografias, as primeiras: a de Agnesloice Teixeira e a de Moema de Poli Teixeira, esta hoje uma doutora respeitada no mesmo tema da monografia, relações raciais no Brasil. Até a data do concurso, foram 46 monografias. Muitos desses alunos chegaram ao doutorado e são, hoje, professores como eu, vários em universidades federais. Este é um dos aspectos inusitados de nossa profissão: as gerações se misturam e, às vezes, até trocam de lugar.

Em 1985 comecei a orientação de iniciação científica<sup>26</sup>. Foi o ano do Jubileu de Prata da Universidade Federal Fluminense. A professora Ismênia de Lima Martins, do Departamento de História, coordenava um grande projeto comemorativo por solicitação da reitoria. O propósito era investigar, de diferentes ângulos, a relação e o impacto da UFF em Niterói. Ela me convidou para participar do projeto e me foram cedidas cinco bolsas de iniciação científica! Outros tempos! Escolhi cinco estudantes, dentre os quais Pedro Rodolfo Bodê de Moraes e Jacqueline de Oliveira Muniz. Dividimos o trabalho. Os dois alunos citados, hoje muito reconhecidos em seus campos de atuação, professores universitários muito respeitados, fizeram os trabalhos mais interessantes. Infelizmente, os relatórios não foram publicados. Até 2015, orientei 46 projetos PIBIC.

Em 1985-1986, alguns de meus colegas de departamento, entre eles Roberto Kant de Lima e Marco Antonio da Silva Mello, começaram a propor a criação do Departamento de Antropologia, separando-o do Departamento de Ciências Sociais, considerando que, deste modo, poderíamos crescer mais facilmente. Confesso que, inicialmente, me assustei muito porque havia, no ICHF, três departamentos com tamanhos equivalentes (Ciências Sociais, História, Psicologia), o que garantia uma divisão equânime dos recursos e cargos. Mas, aos poucos, eu e outros colegas recalcitrantes fomos convencidos pelo entusias-

<sup>25</sup> Eu tinha um emprego no Estado do RJ, como professora, desde 1968. Não quis abandoná-lo logo.

<sup>26</sup> Observe-se que, até então, o CNPq tinha um formato absolutamente desastroso para este investimento: o aluno fazia um projeto qualquer e solicitava a bolsa. Se aprovado, buscava orientação. Na maioria das vezes, não tínhamos como aceitar, os projetos eram muito problemáticos.

mo do Kant. Hoje, vejo que ele tinha razão. Conseguimos, com bastante dificuldade, a criação do nosso departamento, à qual se seguiu a separação da Ciência Política, e, conseqüentemente, a criação do Departamento de Sociologia.

Este, sem qualquer dúvida, é, para mim, um importante divisor de águas. No meu caso, particularmente, teve um efeito muito preciso. Como imediatamente começamos a pensar em criar uma pós-graduação, inicialmente *lato sensu*, com algumas experiências frustradas, a necessidade de que eu obtivesse o título de doutorado se impôs. Eu considerava que tinha feito um excelente curso de mestrado e pensava ser boa professora e pesquisadora competente, por isso não via necessidade de fazer o doutorado. Entretanto, comecei a sentir-me pressionada de vários modos: o mestrado não era mais suficiente como certificação. Ingressei no doutorado em agosto de 1986 e, sob a excelente orientação de Luiz Fernando Dias Duarte, de quem me orgulho de ser a primeira doutoranda, defendi minha tese em 1992, ano também em que pude obter a dedicação exclusiva. Afastei-me da UFF de agosto de 1986 a julho de 1990 para realização do doutorado.

Em 1994, *annus mirabilis*, três grandes marcos.

Em primeiro lugar, realizamos, heroicamente, em condições muito precárias, mas com entusiasmo, grande apoio da reitoria e da direção do ICHF, o XIX Encontro da RBA. Apesar das dificuldades, foi um enorme sucesso e recordo-me de, junto com Laura Graziela Gomes, chorar de emoção e cansaço, assistindo à cerimônia de encerramento no auditório do Bloco B do Campus do Gragoatá. Nesse ano, tornei-me associada da ABA e, desde então, tenho colaborado com nossa associação, particularmente na comissão que trata da educação (impossível nomeá-lo, pois muda de nome e alcance a cada gestão). Na gestão do professor Carlos Caroso 2008-2010 e na da professora Carmen Rial 2013-2014, coordenei a comissão. Neste último mandato, tive sérios problemas de saúde que me impediram de trabalhar adequadamente, mas a Comissão funcionou muito bem devido aos seus membros<sup>27</sup>.

<sup>27</sup> Antonella Tassinari, Christina de Rezende Rubim, Daniel Schroeder Simião, Elisete Schwade, Luiz Fernando Rojo Mattos e, ainda, Amurabi Oliveira

Foi também em 1994 que, juntamente com a ciência política, conseguimos criar o Programa de Pós-Graduação em Antropologia e Ciência Política (PPGACP), com dois mestrados, o que representou um passo importantíssimo para o nosso crescimento. Criamos a *Revista Antropolítica* em 1996 e uma importante coleção na EDUFF denominada Antropologia e Ciência Política, na qual publicamos tanto teses e dissertações quanto os esperados *Escritos Exumados* do professor Castro Faria. Publicamos vários autores de outras universidades e traduzimos clássicos da antropologia como Victor Turner e Appadurai. Trabalhei, em diferentes períodos, nestes dois empreendimentos editoriais.

Em 2003, tivemos nosso doutorado aprovado e, de comum acordo, decidimos nos separar da Ciência Política. Deixaram conosco a coleção e a revista que está, atualmente, classificada com o Qualis A2, mantendo alta qualidade. Nossa revista deve muito à professora Delma Pessanha Neves que, nos momentos mais difíceis, manteve a qualidade e a regularidade do trabalho. Deve muito também à professora Laura Graziela Gomes, que sempre apoiou. Fui membro da Comissão Editorial de 2000 até 2015, mas destaco a importância do trabalho dos professores mais jovens, Daniel Bitter e Fábio Reis Motta, que assumiram o empreendimento com grande dedicação. Um pouco mais tarde, essa equipe foi acrescida das professoras Gisele Fonseca Chagas e Lucia Eilbaum, também muito dedicadas.

Neste ano, ainda, a partir de uma proposta do professor Castro Faria, que oferecia cursos em nossa pós-graduação, foi criado o NUFEP - Núcleo Fluminense de Estudos e Pesquisas. Nas importantes atividades deste núcleo, até hoje, as inspirações básicas e a proposta igualitária do projeto original do professor Castro Faria foram mantidas, apesar de algumas significativas mudanças (ver KANT DE LIMA, 2006). Tenho contribuído de diferentes formas com este núcleo, coordenando pesquisas, colaborando na gestão, lecionando disciplinas em cursos de especialização ou extensão. Muitas de minhas atividades estão ligadas ao NUFEP, em especial o estreitamento de relações com a Universidade de Buenos Aires. Eu já mantinha relações acadêmicas com a UBA, através de uma parceria de quase vinte anos com Pablo Alabarces,

o maior estudioso dos esportes na América Latina. Mas foi através do NUFEP que estreitei relações com outros setores da UBA, ligados à professora Sofia Tiscornia, tendo lá realizado um estágio pós-doutoral, em 2006, muito importante para desdobramento de minha pesquisa com projetos sociais esportivos, da qual falarei adiante. Fiz também uma visita de dois meses em 2009. Coordenei, do lado brasileiro, um projeto CAPG (Centros Associados de Pós-Graduação), financiado pela CAPES, com intenso intercâmbio de docentes e discentes e encontros de avaliação. Atualmente, sou membro da comissão de gestão e pesquisadora do INCT-INEAC, coordenando subprojetos.

Dentre as minhas atividades, a partir de 1994, criação do PPGACP, destaco as orientações de mestrado e, a partir de 2003, as orientações de doutorado, além de supervisionar alguns pós-doutorados. Para além do número destas orientações, que está expresso na listagem, quero registrar a importância que atribuo a esta atividade na vida acadêmica que nos envolve tão intensamente (orientador e orientando), muitas vezes transformando-se numa relação de forte amizade, outras, não menos comuns, de sentimentos menos nobres, digamos, assim. Penso que há pouca reflexão sobre relação tão importante e tão decisiva para o bom andamento do programa. Há diferentes estilos de orientação, assim como os orientandos são muito diferentes entre si. Muitas vezes, a relação interfere na rentabilidade do trabalho. Anos atrás, participei de um simpósio sobre o tema que foi publicado na *Revista Ilha* (cf. GUEDES, 2004). Este simpósio, com as mesas compostas por docentes e discentes, foi excelente e abriu diversas questões que não vi serem retomadas posteriormente.

Tenho enorme orgulho dos meus orientandos. Muitos deles já são meus colegas e, só para acentuar o entrelace de gerações, meu segundo orientando de doutorado, Edilson Márcio Almeida da Silva, é hoje coordenador do PPGA, logo, meu chefe! Não é possível aqui delinear a trajetória de cada um deles. Alguns pararam no mestrado e situaram-se em diversas posições no mercado. Mas os doutorandos, com raras exceções por motivos inesperados, miraram a carreira acadêmica.

Passo, agora, a explicar e avaliar minha atuação nos dois eixos de investigação abertos com a minha dissertação de mestrado.

## Dos trabalhadores urbanos

Apesar do futebol brasileiro ser o fio condutor e o tema principal da minha dissertação, seu desdobramento primeiro deveu-se à etnografia com os operários da Fábrica Bangu. Esta etnografia, centrada no tempo livre, no lugar do futebol em suas vidas e na maneira como interpretavam o papel da seleção brasileira de futebol, mostrava um outro lado destes operários<sup>28</sup>. Já existiam importantes pesquisas sobre o operariado brasileiro, algumas realizadas por antropólogos, orientadas por diferentes interpretações de teorias marxistas, enfocando as relações de trabalho, a organização da produção, os sindicatos, as greves e os movimentos sociais. A família só era interpretada como *locus* da reprodução da força de trabalho. Contudo, quase nada existia sobre suas vidas cotidianas, suas relações familiares e de vizinhança, seu tempo livre, sua interpretação de seu estar no mundo, seus projetos... De certo modo, o clássico trabalho rememorativo de Richard Hoggart (1973), ícone dos estudos antropológicos sobre a classe operária<sup>29</sup>, ainda não tinha obtido grande impacto nos projetos de pesquisa, embora tivesse sido escrito na década de 1950. Assim, eu os alcançava fora da fábrica, em suas casas, com suas famílias, suas esposas, conhecia seus vizinhos, assistia às suas *peladas*, ouvia suas narrativas de como perderam tal ou qual oportunidade de se profissionalizar no futebol. É claro que também falavam muito da fábrica, contavam histórias sobre o patrão que financiara diversas coisas no bairro, inclusive o time de futebol, do qual todos se orgulhavam. O estádio, conhecido popularmente como “Moça Bonita”, tem o nome oficial de Estádio Proletário Guilherme da Silveira Filho, proprietário da fábrica na época de sua inauguração (1947).

Neste momento, outros antropólogos trabalhavam também na mesma direção e, anos mais tarde, este tipo de abordagem proporcionou uma exce-

<sup>28</sup> Vera Maria Pereira é uma socióloga que me precedeu em Bangu e que, muito gentilmente, não só me emprestou seus relatórios da pesquisa, como me apresentou a alguns operários e me levou a Bangu pela primeira vez. Alguns anos mais tarde, publicou seu trabalho sobre a fábrica: Pereira (1979).

<sup>29</sup> Hoggart era filho da classe operária inglesa tradicional e, tendo obtido título universitário em Letras, escreveu um texto rememorativo da vida de sua família. É um ícone destes estudos.

lente bibliografia sobre os trabalhadores urbanos, não mais alcançados exclusivamente por sua posição nas relações de produção, embora, é claro, isto não tenha sido desprezado (ver, por exemplo, DUARTE, 1986; SARTI, 1996; FONSECA, 2000).

Na UFF, criei ementas sobre cultura de trabalhadores e ofereci diversos cursos optativos, com grande procura. Orientei monografias e dissertações sobre o tema e, mais tarde, uma tese de doutorado premiada pelo Vale Capes de Michelle da Silva Lima (*Cooperativa habitacional e comunidade organizada: uma etnografia da mobilização coletiva de famílias trabalhadoras em Ipiúba-São Gonçalo*), defendida em 2011<sup>30</sup>. Aliás, Michelle Lima começou a trabalhar com estas famílias, dentro do projeto PIBIC que realizei, ainda na graduação. Desdobrando os objetos no mesmo campo empírico, produziu uma tese de alta qualidade.

Não sei por indicação de quem, em 1978, fui procurada pela dra. Anamaria Tambellini, médica, professora do Instituto de Medicina Social, para compor, como antropóloga, uma equipe multidisciplinar para investigar o que chamava “determinações sociais dos acidentes de trabalho”, tema de sua tese de doutorado recém-concluída. A pesquisa seria realizada numa metalúrgica em Mesquita, região metropolitana do Rio de Janeiro. Havia, na equipe, além de médicos que faziam exames nos operários dentro da fábrica, inclusive como contraprestação aos administradores, um sociólogo, um epidemiólogo e um estatístico. Fiquei interessada tanto pelo tema quanto pelo pagamento. Aceitei o desafio. Trabalhar em equipe não é muito fácil, mas eu recebi liberdade total para abordar os operários fora da fábrica e estruturar eu mesma meu projeto. Além disso, permitiram que escolhesse um assistente para me ajudar, tendo convidado Anamaria Wagner, socióloga, que muito me auxiliou na pesquisa. Apesar do olhar um pouco atravessado do sociólogo da equipe, figura bastante conhecida, perseguido pela ditadura, quando ouvia os relatos que fazíamos nas reuniões conjuntas, fiz uma das pesquisas

---

<sup>30</sup> Em 2015, outra tese de doutorado orientada por mim, com co-orientação de Edilson Márcio Almeida da Silva, recebeu a mesma menção honrosa da CAPES: a tese de Izabella Lacerda Pimenta.

mais interessantes da minha vida acadêmica, que resultou em pelo menos um artigo (ver, por exemplo, GUEDES, 1998) e algumas apresentações em congressos.

Este projeto permaneceu durante dois anos no Instituto de Medicina Social. Depois, com a transferência de Anamaria Tambellini para a Fundação Oswaldo Cruz, o projeto também migrou para lá, agora focado não apenas nos acidentes de trabalho, mas também nos processos de saúde/doença. Investi numa bibliografia sobre o tema, aprofundei o trabalho e fiz um extenso relatório, bastante estruturado, denominado *Doença e cura*. A coordenadora liberou-me para publicá-lo, mas eu não o fiz, não sei bem por quê. Mais uma frustração. De qualquer modo, foi uma pesquisa bastante extensa, intensa, e que me deixou várias perguntas. Uma delas foi o ponto de partida da minha tese de doutorado.

Já era bem conhecida, inclusive pelas pesquisas dos historiadores, a força simbólica da categoria *trabalhador* no Brasil, conectada à interpretação de *outorga* dos direitos por Getúlio Vargas. Alba Zaluar (1986) publicara um livro muito importante abordando a relação complexa entre as categorias *trabalhador* e *bandido*. Chamou minha atenção, nesta pesquisa em Mesquita, a ideia frequente de que, sem o casamento, *o homem trabalhador seria incompleto*. A partir desta ideia, elaborei um projeto para investigar a construção social de trabalhadores em suas margens, ou seja, trabalhei com jovens entrando no mercado de trabalho e com trabalhadores aposentados, procurando compreender se mantinham suas identidades de trabalhadores, o que as ameaçava, do que ela se compunha na ausência do trabalho e como se conectava com outras dimensões de sua vida (relações familiares e de vizinhança). Daí resultou a tese de doutorado que defendi em 1992, publicada em nossa coleção em 1997 (cf. GUEDES, 1997).

Daí resultou também um convite da prof. Aydil de Carvalho Preis, então Pró-Reitora de Extensão, creio eu, e da prof. Vilma Câmara, médica neurologista da Faculdade de Medicina, especializada em geriatria, para compor um grupo de trabalho sobre idosos. A questão estava na ordem do dia, pois, com o aumento da expectativa de vida pelos avanços da medicina,

além da queda da taxa de natalidade, o perfil demográfico brasileiro tinha mudado drasticamente (ver documento do IBGE, disponível on-line, sem indicações bibliográficas *Tendências Demográficas, 1950-2000*). Expliquei que compreendia a importância de uma ampla discussão do tema para a sociedade brasileira, mas esclareci que eu não trabalhara com idosos, mas com aposentados, sendo que muitos deles aposentaram-se por invalidez, relativamente jovens. Meus argumentos não funcionaram. Fui inserida neste grupo de trabalho. Lembrei-me do meu colega Marco Antonio da Silva Mello, que fica furioso quando algum antropólogo diz que é especialista disto ou daquilo. *Especialista é proctologista*, diz ele, *nós somos antropólogos*. Lembrei-me também da minha amiga Delma Pessanha Neves, que sempre diz que *alguns objetos nós escolhemos, outros nos escolhem*. Ou seja, temos instrumentais para encarar qualquer objeto e não devemos rejeitar os que nos escolhem. E assim o fiz. Investi numa bibliografia sobre envelhecimento e elaborei objetos em torno do tema da construção social da velhice, analisei projetos sociais destinados a idosos, que se multiplicam, analisei as categorias criadas para lidar com a velhice etc.

Agradou-me, afinal, o tema. Realizei muitas horas de extensão, dando aulas e fazendo palestras tanto para gerontólogos quanto para idosos nos cursos de extensão e de especialização promovidos pela equipe de Vilma Câmara. Frequentei muitos congressos e encontros não acadêmicos, como o Viva Idoso, realizado duas vezes na gestão passada na Prefeitura de Niterói, projeto coordenado por Anamaria Wagner. Apresentei também trabalhos em muitos congressos acadêmicos de antropologia. Publiquei artigos em revistas importantes (GUEDES, 1999, 2000a, 2014b). Orientei monografias e dissertações de mestrado sobre o tema. Não poderia ser mais produtivo.

Um outro investimento de extensão, ligado ao tema dos trabalhadores urbanos, ocorreu quando, sob a coordenação de Roberto Kant de Lima, e por solicitação do Comando da Polícia Militar do Rio de Janeiro, foi projetado um curso de especialização, realizado dentro da universidade, para aprimoramento, inicialmente, dos seus oficiais. Os primeiros anos foram financiados pela Fundação Ford e os seguintes pelo Governo do Estado do



Rio de Janeiro. O curso foi aberto e incluiu, além dos oficiais, o público em geral (alunos da UFF, advogados, psicólogos, jornalistas e outros mais). Vem sendo realizado desde 2000, creio, com poucas interrupções. Em várias de suas edições, colaborei ministrando aulas sobre trabalhadores urbanos e fazendo palestras. Orientei diversas monografias, sob temas diversos. Uma das monografias, em particular, de Júlio Cesar Ramos (2002), inspirou-me um artigo sobre a forma de classificação das ocorrências na Polícia Militar (GUEDES, 2008). Também organizei um livro (no prelo)<sup>31</sup> juntamente com Edilson Márcio Almeida da Silva, reunindo algumas das monografias realizadas sob o tema conflitos urbanos.

Haveria muito mais a destacar acerca da pesquisa com trabalhadores, mas me limitarei a comentar que minha tese de doutorado apontou a necessidade de investigar a específica compreensão que os trabalhadores brasileiros têm dos processos de aprendizagem do trabalho, compreensão relacionada a um certo desprezo da educação formal. Na extensa pesquisa que fiz para a tese – assim como nas outras – havia uma chave interpretativa que se aplicava a quase tudo: *teoria x prática; saber teórico x saber prático*. Decidi ir por este caminho e construí um projeto denominado *A Pedagogia do Trabalho*<sup>32</sup>. Fui contemplada, em 1996, com uma bolsa de produtividade nível 2 com este projeto, que também foi adaptado para o projeto PIBIC.

A acrescentar que, tendo em vista alguns de nossos interesses comuns, criamos, em 1998, Delma Pessanha Neves e eu, o Grupo de Pesquisa *Transmissão de Patrimônios Culturais*, inscrito no Diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPq. Atualmente, sou pesquisadora 1B<sup>33</sup>. Fui membro do Comitê Assessor de Antropologia do CNPq (dezembro de 2012 a novembro de 2015).

<sup>31</sup> No prelo na ocasião, agora já publicado sob o título *Conflitos sociais no espaço urbano* (GUEDES, SILVA, 2016).

<sup>32</sup> Descobri, com este processo, que muita coisa que fiz não está devidamente registrada no Lattes. Em parte, talvez, por esquecimento, o que é estranho com relação a este projeto, pois ele durou vários anos. Mas há também uma série de problemas derivados das mudanças frequentes deste currículo.

<sup>33</sup> 1C na época do concurso, 1B atualmente.

## Do futebol e outros jogos

Quando defendi minha dissertação de mestrado, em 1977, havia uma extensa bibliografia jornalística sobre o tema, mas raríssimas produções do campo acadêmico. Dois ou três artigos em revistas não muito conhecidas, algumas páginas de Gilberto Freyre no livro *Sociologia* (1967) e um artigo seminal que publicara no *Jornal de Pernambuco* em 1938, inventando o *futebol-arte* (cf. GUEDES, 2014c). Espantava-me que um fenômeno social que assumia a dimensão do futebol, no Brasil e em outras partes do mundo, não tivesse ainda interessado aos cientistas sociais brasileiros.

Disse-me, há muitos anos, um operário sindicalista, em Bangu, que, na vida dele, havia três tragédias inesquecíveis: o golpe de 64, a morte do Getúlio e a derrota da seleção em 50. Esta frase dá a medida do que, então, podia significar, para algumas pessoas, o futebol. Embora tenhamos que convir que grandes mudanças ocorreram nas representações sobre o futebol no Brasil, continua sendo extraordinário que, tanto aqui quanto em vários outros lugares do mundo, as vitórias esportivas sejam comemoradas com festas extraordinárias, surgidas espontaneamente, ocupando os espaços públicos.

E é só um jogo. Dizem os clássicos do assunto (cf. HUIZINGA, 1973[1938]; CAILLOIS, 1967[1958]) que os jogos são espécies de interstícios da vida cotidiana e que não têm qualquer interferência sobre ela. Encerrados os festejos ou consumada a tristeza da derrota, retoma-se a vida sem qualquer alteração notável. Entretanto, não é bem assim. Nos casos em que, como acontecia até recentemente no Brasil, a seleção brasileira de futebol (mas não a de vôlei, não a de handebol, basquete etc.) representa o povo brasileiro ou, melhor dizendo, é o povo brasileiro, há consequências bem interessantes. Através das vitórias e, principalmente, das derrotas da seleção, as questões que atravessam a sociedade brasileira são expostas e colocadas em discussão. Por exemplo, em 1950, segundo a versão de Mário Filho (1964)<sup>34</sup>, corroborada por outros jornalistas, emerge com força a questão racial e a interpretação negativa da mestiçagem brasileira. Eu mesma mostrei como a

<sup>34</sup> Jornalista que interpreta a história do futebol carioca com os olhos de Gilberto Freyre.

derrota do Brasil em 1998 (cf. 2003) tematizava a intensa transnacionalização de mercados, questionando o poder das empresas multinacionais sobre as nações. A interpretação de que houve interferência de uma multinacional na escalação do time para a final era sentida quase como uma invasão bélica do território nacional e, lembremos, gerou uma CPI na Câmara que, obviamente, nada concluiu.

Estes exemplos demonstram que esta *atividade para nada* (BOURDIEU, 1983) é essencial para compreender o espectro possível de identidades nacionais. Isto, para ficarmos exclusivamente neste nível, que foi aquele no qual trabalhei. Aliás, como demonstrei em resenha do campo realizada recentemente (2010), o tema das identidades nacionais é, geralmente, aquele que abre o campo em qualquer lugar<sup>35</sup> onde se comece o estudo do futebol ou de outros esportes nacionais. Portanto, a minha dissertação não tem nada de original, neste sentido: apenas abordou o mais óbvio.

Minha dissertação não teve qualquer impacto imediato<sup>36</sup>, nem isso era esperado. Além do mais, como já relatei acima, inseri-me em outra pesquisa já em 1978. Só abordei o tema da dissertação em algumas palestras para as quais fui convidada e, nessas ocasiões, descobri como era difícil falar de um tema sobre o qual todos têm uma opinião fora dos contextos acadêmicos. Ser mulher, geralmente, agravava um pouco a situação e, algumas vezes, precisei ser rude para recolocar o tema no lugar devido.

Em 1982, contudo, isso mudaria. Roberto DaMatta publicara, em 1979, o seu *Carnaval, Malandros e Heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*, pela Zahar, com enorme impacto na antropologia brasileira. Ele começava ali a *virar o Brasil pelo avesso* (cf. GUEDES, 2000b). Em seguida, publica *Universo do Carnaval* (1981) e, em 1982, organiza o *Universo do Futebol*. Para este livro, que conta com uma introdução e um ensaio de sua autoria, ele

<sup>35</sup> O segundo é, sempre, o das torcidas organizadas. De um lado, porque elas representam também um problema social, como sabemos, sempre ligadas a episódios de alteração da ordem, brigas em que ocorrem ferimentos e mortes etc. De outro porque, para os antropólogos, oferecem-se como um campo autorrecortado que parece, principalmente aos jovens iniciantes, de fácil apreensão.

<sup>36</sup> A dissertação foi datilografada com erros sérios de português por uma pessoa que contratei. Queimei os exemplares extras e corrigi à mão os necessários para a defesa.

convidou os quatro antropólogos do Rio de Janeiro que haviam escrito sobre o tema: Luiz Felipe Baêta Neves, Arno Vogel e eu, além de Ricardo Benzaquem de Araújo, que havia escrito uma dissertação sobre o tema, mas não pôde participar da coletânea, por alguma razão que desconheço. O livro é muito bonito, pois foi realizado por uma editora de arte (Pinakothke), estando entremeado de reproduções de pinturas alusivas ao futebol. Não deve ter circulado muito<sup>37</sup>, por ser caro. Eu mesma só recebi um exemplar, embora, pela primeira e única vez na minha vida, tenha recebido algum dinheiro de direitos autorais, alguns meses depois. Entretanto, transformou-se num marco da antropologia dos esportes no Brasil e, mesmo, na América Latina, assumindo o lugar icônico de ato fundacional dos estudos sobre esportes no Brasil e, em especial, do futebol. Isto porque Roberto DaMatta, já amplamente legitimado e reconhecido no campo da antropologia brasileira, legitimava também o objeto. Seu ensaio abria perspectivas riquíssimas, mas, principalmente, atacava frontalmente a concepção do futebol como *ópio do povo*, um dos mais sérios óbices que impediam o investimento em tema tão central para a compreensão da sociedade brasileira. Roberto DaMatta é, hoje, sem nenhuma dúvida, a referência fundamental deste campo.

De 1982 para cá, ampliou-se de forma extraordinária o estudo do futebol dentro da antropologia brasileira, atualmente melhor denominado antropologia dos esportes ou antropologia das práticas esportivas, conforme demonstrei em ampla resenha realizada para a Anpocs no livro *Horizontes das Ciências Sociais* (2010). No bojo deste crescimento, minha dissertação tornou-se bastante conhecida e, várias vezes, fui apresentada como tendo escrito a primeira dissertação sobre o tema tanto no Brasil quanto na América Latina. Muitos jovens, até hoje, me enviam mensagens solicitando o PDF do trabalho! É complicado explicar para eles o que é um estêncil eletrônico. Recentemente, uma de minhas orientandas digitou o trabalho e pretendo fazer uma nova introdução para, enfim, depois de quase 40 anos, publicá-lo. Embora seja um trabalho de juventude, com uma série de observações que,

---

<sup>37</sup> Entretanto, esgotou. Hoje é facilmente encontrado na internet em PDF.

hoje, eu não repetiria, há um núcleo de questões e de conclusões que, com toda certeza, persegui ao longo destes anos. Este tema foi aquele em que mais investi, em parte porque foi o mais prazeroso para mim, em parte porque foi mais demandado. Uma rápida observação do meu Lattes comprova isto: há livros, capítulos, artigos, organização de dossiês (Antropolítica, Vibrant, Horizontes Antropológicos), apresentações em congressos, organização de mesas redondas e GTs<sup>38</sup>, entrevistas (muitas não registradas, várias para redes de televisão), orientação de teses, dissertações, monografias, presença em bancas. É muito satisfatório verificar que o campo legitimado por DaMatta, em 1982, expandiu-se enormemente, cresceu e está amadurecendo também com as redes internacionais. Na UFF, tenho excelente parceria neste campo com Luiz Fernando Rojo Matos, com quem criei a linha de pesquisa Antropologia do Corpo e do Esporte no PPGA, com grande sucesso. Também somos parceiros no NEPESS (Núcleo de Estudos Esporte e Sociedade), criado em 2010, na UFF, a partir de uma proposta de Marcos Alvito de Souza, do Departamento de História. É um núcleo transdisciplinar e interinstitucional. Temos uma revista digital *Esporte e Sociedade*, publicando autores nacionais e do exterior. O NEPESS realiza reuniões quinzenais de debate sobre algum trabalho em andamento ou concluído.

Embora mantenhamos importantes contatos fora da América Latina, como a produtiva parceria com o professor João Sedas Nunes, da Universidade Nova de Lisboa, que conhecemos através de convênios internacionais do NUFEP, temos procurado, sistematicamente, olhar para a América Latina. Muito tem ajudado o professor Pablo Alabarces, da Universidade de Buenos Aires, que conhece todo o campo dos esportes latino-americano. Assim, inserimo-nos na *Red de Investigadores sobre Cultura Física, Ócio e Recreación*, criada por pesquisadores mexicanos, propondo-se a incluir todos os pesquisadores latino-americanos que o desejarem. Através desta rede, estive no México em várias universidades e fiz inúmeros contatos importantes que

<sup>38</sup> Juntamente com alguns colegas – Arlei Damo, Luiz Henrique de Toledo e, mais recentemente, Luiz Fernando Rojo Matos, além de grupos internacionais com Pablo Alabarces – participei da criação e da coordenação dos primeiros grupos aceitos sobre o tema em vários congressos.

também têm vindo regularmente ao Brasil. Também estamos trabalhando com uma rede colombiana *Asciende-Deporte, Salud, Educación y desarrollo*. Já publiquei em um livro organizado por eles e tenho, atualmente, um orientando colombiano, David Quitián Roldán<sup>39</sup>, participante desta rede.

No Brasil, os dados sobre o futebol e sobre alguns esportes são extremamente abundantes e, como diz DaMatta, expõem diversos dramas sociais da sociedade brasileira (DAMATTA, 1982), oferecendo temas sempre renovados. A partir da minha conclusão de que, no Brasil, o tempo da Copa do Mundo de Futebol é um tempo ritual, sendo, até aqui, o grande ritual nacional brasileiro, vários temas foram desdobrados no decorrer destas décadas. Interpretei este tempo como um tempo de *communitas* (TURNER, 1974), complementar à estrutura, tempo em que todas as diferenças e desigualdades são suspensas ou ignoradas e vive-se exclusivamente a brasilidade, a *comunidade imaginada Brasil* (ANDERSON, 1999). Elabora-se, concomitantemente, uma visão do que seria o *povo brasileiro*. Nos últimos anos, nas propagandas da mídia, um pouco antes e durante as copas do mundo, há uma ênfase muito clara na ideia de *mestiçagem brasileira* como valor. Insistem também numa representação do brasileiro como *jovial, alegre, brincalhão e pacífico*, mesmo que as relações do dia a dia não se adequem a esta descrição.

Do mesmo modo que as antecipações ufanistas apresentam um material riquíssimo para pensarmos as máscaras e espelhos dos brasileiros (ARCHETTI, 2003), as reverberações das derrotas, na volta à estrutura, oferecem igualmente interpretações que ultrapassam o campo de futebol. Estou finalizando, no momento, uma pesquisa sobre projetos sociais esportivos capitaneados por jogadores famosos e alguns outros atletas de outros esportes que tenham tido repercussão internacional. Há uma grande especificidade neste empreendimento no Brasil, o que pude constatar realizando trabalho comparativo com a Argentina. Um dos achados mais interessantes é o fato de que, no Brasil, para atletas brasileiros enriquecidos e famosos, tornou-se quase uma obrigação fazer um projeto social. E não é irrelevante que cada

---

<sup>39</sup> Hoje David Quitián já é doutor, tendo defendido sua tese, com louvor, em fevereiro de 2017.

um realize seu projeto no seu local de origem, natal ou esportivo. Trata-se de uma espécie de retribuição muito específica. Escrevi alguns artigos e capítulos sobre o tema (por exemplo, GUEDES, 2000b, 2009a, 2009b, 2014d). Tenho verificado, nestes trabalhos, que este processo traz à tona uma série de valores centrais da sociedade brasileira. Está entre meus projetos reunir meus trabalhos e de meus orientandos sobre o tema em uma coletânea.

Enfim, é um campo de estudos em plena efervescência e que não dá sinais de esgotamento. As possibilidades de contribuição à sociedade também são significativas, em especial, com relação a alguns subtemas, como o das torcidas organizadas e dos projetos sociais.

## **Duas considerações finais**

Muito ficou por dizer, mas os pontos principais estão elencados. Espero, particularmente, que menos do que recriar um percurso pessoal, eu tenha sido capaz de mostrar, através da minha perspectiva, o percurso da antropologia na UFF. Gostaria apenas de acrescentar duas coisas.

A primeira é que a vida de todos nós, professores e pesquisadores que gostamos do que fazemos, mistura o profissional e o pessoal. Isso significa não ter horário rígido de trabalho. Trabalhamos aos sábados, domingos, feriados, férias, dia e noite. E, na verdade, gostamos disso. Nunca me esquecerei do professor Castro Faria, com seus 80 e muitos, vindo fortalecer o nosso programa, ainda ardoroso, ainda enfático, ajudando a formar, sei lá, uma vigésima geração de antropólogos. Espero ter uma parte do fôlego dele e, enquanto puder, prosseguir produzindo junto aos meus companheiros de jornada.

Finalmente, queria registrar que, em 2012, recebi com muito orgulho e alegria o V Prêmio UFF de Excelência Científica da Área de Humanas e Sociais Aplicadas, oferecido anualmente pela PROPPi a um professor escolhido de cada área. O fato de ter sido indicada pelos meus colegas de departamento foi extremamente gratificante. Ter o meu trabalho reconhecido por pares tão próximos foi emocionante.

## REFERÊNCIAS

1. ANDERSON, Benedict. **Imagined Communities**. London, New York: Verso, 1999.
2. ARCHETTI, Eduardo. **Masculinidades**. Fútbol, tango y polo en la Argentina. Buenos Aires: Antropofagia, 2003.
3. AUGÉ, Marc. **Não-lugares**. Introdução a uma antropologia da modernidade. São Paulo: Papirus, 1994.
4. BECKER, Howard. Problemas na publicação de estudos de campo. In: BECKER. **Uma teoria da ação coletiva**. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.
5. BERGER, Peter & LUCKMANN, Thomas. **A Construção social da realidade**. Tratado de sociologia do conhecimento. Petrópolis, RJ: Vozes, 1973
6. BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA e AMADO (Orgs.). **Usos & Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1996.
7. BOURDIEU, Pierre. **Como é possível ser esportivo?** Questões de sociologia. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
8. CAILLOIS, Roger. **Les jeux et les hommes**. Paris: Galimard, 1967.
9. DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979
10. \_\_\_\_\_. **Universo do Carnaval: imagens e reflexões**. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1981.
11. \_\_\_\_\_. **Universo do Futebol: esporte e sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.
12. DUARTE, Luiz Fernando. **Da vida nervosa nas classes trabalhadoras urbanas**. Rio de Janeiro: Zahar/CNPq, 1986
13. DURKHEIM, Émile & MAUSS, Marcel. **De quelques formes primitives de classification**. In: Mauss, *Essais de Sociologie*. Paris: Minuit, 1968 [1901].
14. DURKHEIM, Émile. **Les Formes Élémentaires de la vie religieuse**. Paris: PUF, 1968
15. FÁVERO, Maria de Lourdes. **Universidade & Poder – análise crítica, fundamentos históricos: 1930-45**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1980.
16. FERNANDES, Florestan. **Fundamentos empíricos da explicação sociológica**. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1960.
17. FONSECA, Claudia. **Família, fofoca e honra**. Etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2000.
18. FREYRE, Gilberto. **Sociologia: introdução ao estudo de seus princípios**. São Paulo: José Olympio, 1967.



19. GUEDES, Simoni. **O Futebol Brasileiro: instituição zero**. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Museu Nacional, UFRJ, 1977.
20. \_\_\_\_\_. De consagrações e profanações. As traduções da obra de Émile Durkheim no Brasil. **Comunicações do PPGAS**, Museu Nacional, 1994.
21. \_\_\_\_\_. **Jogo de Corpo**: um estudo de construção social de trabalhadores. Niterói: Eduff, 1997.
22. \_\_\_\_\_. Os Casos de Cura Divina e A Construção da Diferença. **Horizontes Antropológicos**, v. 9, 1998a.
23. \_\_\_\_\_. **O Brasil no campo de futebol**: estudos antropológicos sobre os significados do futebol brasileiro. Niterói: Eduff, 1998b.
24. \_\_\_\_\_. Dos muitos modos de envelhecer no Brasil: uma antropologia do envelhecimento? **Arquivos de Geriatria e Gerontologia**, v. 3, p. 86-93, 1999.
25. \_\_\_\_\_. A concepção sobre a família na Geriatria e na Gerontologia brasileiras: ecos dos dilemas da multidisciplinaridade. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 15, 2000a.
26. \_\_\_\_\_. Malandros, caxias e estrangeiros no futebol: de heróis e anti-heróis. In: **O Brasil não é para principiantes: Carnavais, malandros e heróis, 20 anos depois**. 1. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2000b.
27. \_\_\_\_\_. Os europeus do futebol brasileiro ou como a pátria de chuteiras enfrenta a ameaça do mercado. **Praia Vermelha (UFRJ)**, v. 8, 2003.
28. \_\_\_\_\_. Produzir antropólogos: algumas reflexões. **Ilha – Revista de Antropologia**, Florianópolis, v. 6, 2004.
29. \_\_\_\_\_. A paixão de ensinar. In: FARIA, Castro. **Escritos Exumados 3**. Niterói: Eduff, 2006.
30. \_\_\_\_\_. O sistema classificatório das ocorrências na Polícia Militar do Rio de Janeiro e a organização da experiência policial: uma análise preliminar. In: DUARTE, Mário Sérgio de Brito (Coord.). **A análise criminal e o planejamento operacional**. Rio de Janeiro: Riosegurança, 2008.
31. \_\_\_\_\_. Control Social y el gran circuito del don. Proyectos pedagógicos deportivos en Argentina y Brasil. In: TISCORNIA, Sofia; KANT DE LIMA, Roberto; EILBAUM, Lucía. **Burocracias penales, administración institucional de conflictos y ciudadanía**. Experiencia comparada entre Brasil y Argentina. 1. ed. Buenos Aires: Antropofagia, 2009a.
32. \_\_\_\_\_. Futebol e identidade nacional: reflexões sobre o Brasil. In: DEL PRIORE, Mary; MELO, Victor Andrade de. **História do Esporte no Brasil: do Império aos dias atuais**. 1 ed. São Paulo: UNESP, 2009b.

33. \_\_\_\_\_. Esporte, lazer e sociabilidade. In: MARTINS, Carlos Benedito; DUARTE, Luiz Fernando Dias. **Horizontes das Ciências Sociais no Brasil - Antropologia**. 1. ed. São Paulo: Anpocs; Discurso Editorial, Barcarolla, 2010.
34. \_\_\_\_\_. Vidas revisitadas: a reconstrução do passado de idosos em programas gerontológicos. **Sociologia & Antropologia**, v. 4, 2014b
35. \_\_\_\_\_. A produção das diferenças na produção dos estilos de jogo no futebol: a propósito de um texto fundador. In: HOLLANDA, Burlamaqui (Org.). **Desvendando o jogo**. Nova luz sobre o futebol. 1. ed. Niterói: Eduff, 2014c.
36. GUEDES, Simoni; CIPINIUK, Tatiana. **Abordagens etnográficas sob reeducação**. Adentrando os muros das escolas. Niterói: Alternativa/Faperj, 2014a.
37. \_\_\_\_\_. A dádiva e os diálogos identitários através das copas do mundo no Brasil. In:
38. CAMPOS, Flavio de; ALFONSI, Daniela (Org.). **Futebol objeto das ciências humanas**. 1. ed. São Paulo: Leya, 2014d.
39. GUEDES, Simoni; SILVA, Edilson Márcio (Org.). **Conflitos sociais no espaço urbano**. Niterói: Eduff, 2016.
40. HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 2008.
41. HOGGART, Richard. **As utilizações da cultura**. Aspectos da vida da classe trabalhadora. Lisboa: Presença, 1973.
42. HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura**. São Paulo: Perspectiva, 1971[1938].
43. IBGE. Tendências demográficas 1950-2000. Disponível em: <[www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/.../comentarios.pdf](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/.../comentarios.pdf)>. Acesso em: 05 maio 2015.
44. KANT DE LIMA, Roberto. A presença de Castro Faria na Universidade Federal Fluminense (1993-1998) uma perspectiva afetivo institucional. In: FARIA, Castro. **Escritos Exumados 3**. Niterói: Eduff, 2006.
45. KONDER, Leandro. O “currículum mortis” e a reabilitação da autocrítica. **Página online**, n. 174, ano 17, 2008. Disponível em: <<http://www.apagina.pt/?aba=7&user=Leandro%20Konder&mid=2>>. Acesso em: 31 maio 2008.
46. LIMA, Michelle. **Cooperativa habitacional e comunidade organizada: uma etnografia da mobilização coletiva de famílias trabalhadoras em Ipiúba-São Gonçalo**. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2011.
47. OLIVEIRA, Roberto Cardoso. A antropologia e a “crise” dos modelos explicativos. In: **O trabalho do antropólogo**. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Unesp, 1998.
48. PEREIRA, Vera Maria. **O coração da fábrica: estudo de caso entre operários têxteis**. Rio de Janeiro: Campus, 1979.

49. RAMOS, Júlio Cesar. **Sociedade e Polícia** – uma parceria possível. Monografia de conclusão do Curso (Especialização em Políticas Públicas de Justiça Criminal e Segurança Pública) – UFF, Niterói, 2002.
50. RODRIGUES FILHO, Mário. **O Negro no Futebol Brasileiro**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.
51. SARTI, Cynthia. **A família como espelho**. Um estudo da moral dos pobres. São Paulo: Editores Associados, 1996.
52. TURNER, Victor. **O processo ritual: estrutura e anti-estrutura**. São Paulo: Perspectiva, 1974.
53. VELHO, Gilberto. **Desvio e divergência: uma crítica da patologia social**. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.
54. WEBER, Max. **Ensaio de Sociologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1974.
55. ZALUAR, Alba. **A máquina e a revolta: as organizações populares e o significado da pobreza**. São Paulo: Brasiliense, 1986